

Aspectos tópicos a partir da equivalência entre Deus, bem e felicidade em Boécio¹

Topical aspects from the equivalence between God, good and happiness in Boethius

Luana Talita da Cruz

<https://orcid.org/0000-0003-1206-3722> – E-mail: luanatdacruz@gmail.com

RESUMO

A *Consolação da Filosofia* está permeada por referências a grandes autoridades e interpretações sobre as ideias filosóficas desses autores. A última obra de Boécio nos mostra sua leitura sobre a filosofia em si, bem como sobre teorias específicas como, por exemplo, a argumentação tópica. Apresentamos, aqui, alguns argumentos desenvolvidos, em particular, nos Livros III e IV da *Consolação*, a partir dos quais defendemos que Boécio apresenta uma equivalência entre verdadeiro bem, verdadeira felicidade e Deus. É a partir destes Livros que apontamos, ainda, o uso de alguns argumentos tópicos nesta obra.

Palavras-chave: Boécio. *Consolação da Filosofia*. Felicidade.

ABSTRACT

The *Consolation of Philosophy* is written with an abundance of references to authorities and of interpretations about philosophical ideas by these authors. Boethius's last work shows us his own idea of philosophy itself as well as his reading on specific theories, such as topical inferences. Our goal here is to show some of the arguments developed through *Consolation's* Books III and IV, from which we argue that Boethius presents an equivalence of true good, true

¹ Este trabalho foi apresentado como parte do *Seminário Internacional de Ontologia Medieval*, organizado pelo Grupo de Estudos em Filosofia Medieval da Universidade Federal do Ceará (GEFIM- UFC). As ideias aqui discutidas são frutos de minha pesquisa de doutorado.

happiness and God. It is from these Books that we argue about Boethius's use of topical arguments in this work.

Keywords: Boethius. *Consolation of Philosophy*. Happiness.

Boécio não foi um lógico no sentido robusto do termo. Não creditamos a ele um sistema lógico próprio ou sequer a pretensão de criar tal tipo de teoria. No entanto, a lógica medieval latina deu-se naqueles moldes e desenvolveu-se através daquelas discussões, em grande parte, devido a Boécio. O projeto de tradução das obras de Aristóteles e Platão que encontramos em Boécio foi fruto do período em que viveu e, no qual, era um padrão esperado, ainda que nem sempre cumprido, que a classe aristocrática dedicasse seu ócio às traduções e comentários de grandes pensadores e obras de interesse. A abordagem escolhida por Boécio, iniciando pela lógica e visando o esclarecimento de que as ideias de Aristóteles e Platão eram, na verdade, harmônicas, aponta para a influência neoplatônica também comum ao período. Dessa forma, se poderia pensar que o que encontramos em Boécio em se tratando de lógica é, na verdade, apenas um projeto de tradução e comentário cuja importância existe apenas na medida em que funciona como ponte entre a antiguidade clássica e o medievo. Isso, entretanto, seria um engano.

Apesar do projeto ambicioso que Boécio dá a si mesmo, o que foi, de fato, traduzido e comentando foram tratados de lógica de Aristóteles e de Porfírio. É através de Boécio que dialética medieval se desenvolve, pois, é através de Boécio que o *Organon* é difundido, à exceção dos *Segundos Analíticos*. Mesmo com o aumento de tradutores e traduções disponíveis a partir do século XI, as traduções de Boécio não caem em descrédito e é apenas na segunda metade do século XII que surge o próximo tradutor sistemático de Aristóteles no ocidente latino, a saber, James de Veneza.

Os argumentos tópicos de Boécio apoiam-se em apenas três dos seis predicáveis que ele aceita: gênero, definição e *differentia*. Gênero e definição estão presentes necessariamente no sujeito cujo predicado indicam e são partes da essência da coisa, sendo gênero maior do que o seu sujeito e definição igual a seu sujeito. Dessa forma, é apenas gênero que pode ser aplicado a outras coisas além do sujeito, não sendo este o caso de definição. Definição, como predicável igual ao seu sujeito, é um predicável convertível, ou seja, um predicável que pode ser predicado ao sujeito tanto quanto o sujeito pode ser predicado ao predicável. Definição, *differentia* e gênero são classificadas como primeiro geral e depois singular, independentes de serem ou não parte da essência do sujeito ou de serem igual ou maior que ele. Assim sendo, gênero, *differentia* e definição são parte da essência do sujeito enquanto são algo comum e geral, sendo que apenas definição não é maior que seu sujeito.

Dessa forma, é importante notar que apenas *differentia* predica características que o sujeito possui, no sentido de tal característica ser algo que o sujeito tem e não que ele é, o que marca uma distinção clara entre *differentia*, definição e gênero da mesma forma que ser igual a seu sujeito marca a diferença de definição para gênero e *differentia*. No entanto, se consideramos a concepção aristotélica de definição segundo a qual "uma definição, ele diz, é uma expressão significando a essência de algo, e uma definição consiste no gênero e na *differentia* do que está sendo definido"² (STUMP, 1978a, p. 238, tradução nossa), aceitamos que é possível

² Tradução livre de: "[...] a definition, he says, is na expression. Signifying the essence of something, and a definition consists of the genus and the differentiae of what is being defined" (STUMP, 1978, p. 238).

encontrar gênero e *differentia* através da definição. Na *Consolação da Filosofia*, Boécio parece oferecer a definição de felicidade através dessa abordagem, estabelecendo seu gênero e sua *differentia* a fim de, disso, derivar sua definição.

Boécio inicia a *Consolação* apresentando a terrível condição em que se encontra. Ao início da obra, o autor encontra-se preso e aguardando sua execução, mas, para além disso, encontra-se perturbado e incapaz de reconhecer verdadeira felicidade. Quando a Filosofia, em sua forma antropomorfizada, aparece ao autor, ela oferece um diagnóstico de que ele, na verdade, encontra-se doente. Assim, a Filosofia se propõe a curar-lhe a alma, sendo que tal cura deve ser alcançada através do exercício da razão e da busca filosófica realizada, aos poucos, pelo próprio doente. A Filosofia, assim, propõe-se a guiar Boécio para a cura de sua enfermidade, deixando claro que, mesmo através da Filosofia, o homem que busca a cura ou o consolo deve ser o agente na cura das dores e males que lhe infligem a alma. A cura mencionada pode ser alcançada apenas se o doente recordar o que sua doença o fez esquecer, voltando a contemplar a verdade. É a contemplação da verdade, através da Filosofia, que pode curar a alma do homem. No entanto, a *Consolação* oferece um itinerário lento, em que o autor deve ir, aos poucos, recebendo “remédios” mais fortes.

Inicialmente, o autor aceita os bens da Fortuna como verdadeiros bens e cabe à Filosofia apontar como tais bens são apenas bens ilusórios. Da mesma forma, cabe à Filosofia esclarecer o que é o bem e qual a verdadeira ordem do mundo. A Filosofia explica que as punições e recompensas distribuídas injustamente são apenas aparentes, pois a Fortuna não distribuí o Bem Último que pode ser alcançado apenas através da contemplação da verdade. Enquanto a Fortuna parece oferecer recompensas até mesmo para aqueles que não são merecedores de tais recompensas, o Bem Último pode ser alcançado apenas por aqueles que são merecedores desta recompensa. Sendo o Bem um todo indivisível, a Fortuna é incapaz de oferecer partes dele. Tudo que a Fortuna pode oferecer são falsos bens que tornam a vida confortável apenas no que diz respeito aos sentidos e que não consideram mérito ou demérito ao serem atribuídos.

Cabe apontar que a confusão sobre os bens da Fortuna e o verdadeiro bem não advém da própria Fortuna. É o homem que, da mesma forma que ocorre com o autor ao início da obra, esquece-se dos ensinamentos da Filosofia acerca da verdade. O homem tende para o bem e para a felicidade, sendo que a Filosofia aponta que não é possível atingir um sem o outro. O que ocorre não é apenas o esquecimento do verdadeiro bem, mas, também, a identificação da felicidade com bens menores ou bens aparentes. Em sua busca pela felicidade, por vezes, o homem aceita um bem da Fortuna como sendo o verdadeiro bem, pois tal bem traz em si a aparência de felicidade. Dessa forma, o homem deixa de buscar a verdadeira felicidade, julgando tê-la encontrado. Sendo este o caso do autor, a Filosofia se propõe a ensinar Boécio a reconhecer a verdadeira felicidade e buscar o caminho para alcançá-la. Se os homens tendem à felicidade, os homens tendem ao bem, pois a felicidade e o bem são nomes diferentes da mesma coisa. Assim, se a felicidade deve ser completa, sem qualquer carência, isso também deve ser o caso ao falarmos do bem. A felicidade é um bem indivisível que não constitui gênero de bens menores e isso também se aplica ao verdadeiro bem.

Ao longo da *Consolação*, Boécio estabelece a perfeição, completude e finalidade como as características da felicidade e do bem. Seguindo os argumentos apresentados pela Filosofia, Boécio chega à conclusão de que Deus é o verdadeiro bem e a verdadeira felicidade, pois possui as mesmas características. Mais do que isso, seria impossível que o Bem Último e Deus fosse coisas distintas sem que isso resultasse em múltiplos bens. A perfeição e completude da felicidade, do verdadeiro bem e de Deus torna impossível que existam felicidades, bens ou deuses similares. Se Deus é a felicidade e a felicidade é o verdadeiro bem, Deus deve ser o verdadeiro

bem. O homem que tende naturalmente para a felicidade, tende naturalmente para o bem e, conseqüentemente, tende naturalmente para Deus. Sendo o mundo ordenado de modo a tender para o bem, o mundo é ordenado de tal forma que tende para Deus e para a felicidade, indicando uma tendência à perfeição que é parte da própria ordem natural do universo. Através disso, podemos rejeitar a ideia de que os injustos poderiam receber recompensas sem serem merecedores de tal recompensa, pois isso seria algo contrário a ordem do mundo. Sendo Deus bom, o universo é bom e, sendo o universo bom, o universo não seria injusto a ponto de permitir que os maus recebessem recompensas verdadeiras enquanto os bons são punidos sem razão. Mesmo que, de modo intuitivo, pensemos na ordem da Fortuna como sendo a ordem do mundo, a Filosofia insiste que observemos com mais atenção para reconhecer a verdade.

Iniciando nossas considerações no Livro III, iniciamos com as considerações de Boécio sobre a felicidade. No entanto, antes de prosseguirmos, gostaria de esclarecer que ao falarmos de tópicos, entendemos, de modo geral, um conceito utilizado na antiguidade e no medievo e que pode ser entendido como o *locus* do argumento ou aquilo que está em questão em um argumento. Mais especificamente, consideramos que, um tópico, para Boécio, trata daquilo que uma questão quer responder e que, em muitos casos, é, também, aquilo que se busca definir através de uma Proposição Máxima ou *Differentia* da inferência tópica. Boécio diverge de Aristóteles em alguns aspectos sobre a utilização desse tipo de argumentação, mas não entraremos nesta questão ao longo deste estudo.

Em se tratando do Livro III da *Consolação*, Boécio descreve a felicidade com as seguintes características:

1. É um bem que, uma vez obtido, não deixa nada a ser desejado;
2. É a perfeição de todas as coisas boas;
3. Contém em si mesma tudo que é bom;
4. É completa, pois se algo estivesse ausente dela, algo ainda poderia ser desejado;
5. A felicidade é perfeita uma vez que tudo que é bom está presente;
6. É aquilo que todos os homens desejam, pois os homens desejam o verdadeiro bem por natureza.

Na Prosa 3 do Livro III, Boécio propõe, através da Filosofia, a seguinte questão: “[...] quando vivias em meio da opulência ilimitada, não te aconteceu nenhuma vez de te sentires perturbado depois de ter recebido uma injúria?” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 3, 5, p. 93-94). A partir dela, encontramos um argumento fundamentado na *differentia* de definição com a Proposição Máxima que diz que coisas com definições diferentes são elas mesmas diferentes. Conforme escreve Boécio, “[...] podemos concluir que as riquezas não livram os homens de suas necessidades e não podem fazer com que ele seja autossuficiente” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 3, 11, p. 94). No entanto, ao considerar que a felicidade é autossuficiente e que a riqueza não é autossuficiente, a riqueza não pode possuir a mesma definição que a felicidade e, conseqüentemente, não pode ser a mesma coisa que a felicidade. Há, também, que se considerar que a felicidade não pode ser tomada de quem a possui, sendo que por ser da natureza da riqueza poder ser tomada de outros. Dado que “[...] o dinheiro é de tal natureza que não há nele nada que garanta que ele não possa ser retirado de quem o possui” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 3, 12, p. 94), a riqueza não pode ser o mesmo que a felicidade.

A fim de apontar que superioridade política e os altos cargos não são o mesmo que a verdadeira felicidade, Boécio ressalta que tal superioridade não garante que aquele que a obtém é merecedor de qualquer honra ou louvor, pois “se as honras fossem intrínsecas aos

cargos, não perderiam sua prerrogativa em nenhuma parte do mundo e em nenhum momento da história” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 4, 12, p. 98). Em ambos os casos mencionados, Boécio ressalta que a autossuficiência não está presente nesses bens aparentes da Fortuna. Ele parece argumentar conforme a *differentia* de opostos com referência à privação e posse, tendo como proposição máxima “onde a privação pode estar presente, a posse não é uma propriedade”³ (BOÉCIO, 1978, [1191C-1191D], 21-22, Livro II, p. 56, tradução nossa). A felicidade parece uma consequência de tais bens, mas, em ambos os casos, são bens que não podem oferecer autossuficiência, de modo que não possuem as características que definem a felicidade. Isso fica ainda mais claro quando Boécio aponta que “[...] como os cargos não possuem um valor próprio além daquele que lhes é atribuído pela equívoca opinião dos homens, é natural que seu esplendor se esmoreça” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 4, 13, p. 98).

Ainda que o nascimento nobre não possa ser perdido da mesma forma que a riqueza e os altos cargos, esse ainda não possui em si mesmo a propriedade de ser virtuoso. Se a virtude não pertence àquele de nome nobre apenas por sua nobreza e as honrarias são reservadas ao virtuoso, as honrarias não pertencem àquele de nome nobre apenas por sua nobreza sem a virtude, pois “o que segue de algo (*consequens*) que não pertence a alguma coisa não pode, tão pouco, pertencer na coisa”⁴ (BOÉCIO, 1978, [1190B], 17-19, Livro II, p. 54, tradução nossa). Mais do que isso, “se a realza fosse uma fonte de felicidade, não seria correto pensar que, onde ela falte, a felicidade diminuirá e imperará a desgraça?” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 5, 3, p. 99).

Após considerar os prazeres do corpo, Boécio aponta que “[...] as coisas que não podem garantir os bens que prometem, e nem apresentam a perfeição que resultaria da síntese de todos os bens, são caminhos que não conduzem à felicidade” (BOÉCIO, 2001, Livro III, Prosa 8, 12, p. 107), de modo que não podem ser o mesmo que o Bem Último. Tais bens aparentes não satisfazem as condições características da felicidade e são, por definição, algo diferente do Bem Último. Riqueza, honrarias, poder, glória, prazeres carnis e bens do corpo não são o mesmo que a verdadeira felicidade “[...] nem possuem em si a capacidade de fazer o homem feliz” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 8, 12, p. 107). O Bem Último não deixa nada mais a ser desejado e não pode ser tomado por outros ou perdido por uma razão ou outra. Boécio utiliza, em particular, as Prosa 5 a 8 para apontar de modo claro que a definição de felicidade não é a mesma que a dos bens considerados até aqui. Tais bens não podem ser sequer expressões da felicidade e, já “[...] que as riquezas não trazem independência, que a monarquia não confere poder, que os cargos não conferem nem honra nem respeito, que a glória não traz celebridade e que os prazeres não trazem a alegria” (BOÉCIO, 2001, Livro III, Prosa 9, 2, p. 108), o autor aponta que tais bens aparentes são considerados bens reais apenas através do erro humano.

Assim, na Prosa 9, Boécio aponta que a felicidade é um todo indivisível e, sendo completa, ela não é gênero de coisas menores. Assim, a felicidade “[...] está completamente presente se apenas uma de suas partes estiver presente” (STUMP, 1978, p. 120, tradução nossa) e “[...] está ausente se apenas uma de suas partes estiver ausente” (STUMP, 1978, p. 120, tradução nossa). São os homens que “fragmentam o que é uno por natureza” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 9, 16, p. 110), mas, apesar da possibilidade cair no erro, “[...] não devemos buscar a felicidade em bens individuais que apenas aparentam reunir em si todos os bens” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 3, 23, p. 111-112).

³ Tradução livre de: “[...] where the privation can be present, the possession is not a property” (BOÉCIO, 1978, [1191C-1191D] 25-29, Livro II, p. 56).

⁴ Tradução livre de: “[...] what follows from something (*consequens*) which does not inhere in a thing cannot inhere in that thing either. *Ibidem*, [1190B], 17-19, Livro II, p. 54).

Considerando que a felicidade é o bem supremo e o bem supremo é a felicidade e que a perfeição de Deus exige que não exista nada melhor que ele, o bem supremo é encontrado em Deus e a felicidade, que é o bem supremo, também deve ser encontrada em Deus. “Deus, que é o primeiro de todos os seres, é o próprio bem” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 10, 7, p. 117) e, “[...] Deus é um bem e, além disso, ela [a razão] prova que Ele é o Bem Supremo” (BOÉCIO, 2023, Livro III, Prosa 10, 8, p. 117), de modo que estabelecemos que a verdadeira felicidade que é encontrada no Bem maior deve, portanto, ser necessariamente encontrada em Deus, pois, dado que a felicidade e o bem possuem a mesma definição e que o Bem Último é encontrado em Deus, é impossível que apenas o bem seja encontrado em Deus. Não sendo o caso que tais coisas tenham definições diferentes, não há razão para que não sejam a mesma coisa. A equivalência é reforçada mais uma vez quando Boécio aponta que ao atingir a felicidade, também se assegura a divindade, pois uma não pode acontecer sem a outra.

Por fim, destaco que, no Livro III, Prosa 10, quando Boécio argumenta sobre a definição de felicidade, a Filosofia, enquanto personagem, até mesmo lembra ao personagem do autor que é a lógica que conecta todas as coisas que discutiram até o momento. Em um argumento considerando a felicidade como bem supremo, a Filosofia compara tal conceito com outras formas do bem e os compara com partes possíveis da felicidade. Embora seja evidente que tais coisas estão relacionadas com o bem, estes não são o próprio Bem Último. A Proposição Máxima que se pode encontrar ali é que “o que existe essencialmente ou permanentemente nas partes individuais deve existir essencialmente ou permanentemente no todo” (BOÉCIO, 1978, [1188D] 5-6, Livro II, p. 52)⁵. Disso Boécio conclui que tais bens não são espécies do verdadeiro bem, mas, sim, partes dele. O todo pode ser ou gênero que se divide em espécies ou todo completo que se divide em partes que não são espécies por si só. Assim sendo, a felicidade é um todo completo.

No argumento apresentado no Livro III, Prosa 9, Boécio desenvolve o raciocínio que leva à conclusão da Prosa 10, estabelecendo a felicidade um todo completo indivisível. Escreve ele que “(...) por causa do erro, o homem divide aquilo que é uno por natureza, transformando o verdadeiro e perfeito em falso e imperfeito” (BOÉCIO, 2001, Livro III, Prosa 9, 4, p. 109). Nisso, a filosofia deve servir como guia afim de que o homem não caia em tais erros de julgamento. É, então, a razão o único guia capaz de identificar essas confusões bem como de encontrar o caminho correto. A *Consolação* apresenta a insistência da Filosofia para que Boécio argumente ou reconheça seus argumentos, a fim de justificar conclusões que lhe parecem óbvias, pois tais conclusões são, também, o remédio que permite que Boécio apenas compreenda seus argumentos e volte seu olhar para a verdade.

Mais do que isso, uma vez que Deus é o princípio que move e ordena o universo, ele o faz através de si mesmo, ou seja, através do bem supremo e da felicidade suprema. Ao argumentar tal ponto, Boécio utiliza a *differentia* de efeitos, destruições e usos. A definição de cada um dos conceitos utilizados, mesmo que apenas através do esclarecimento de seu nome, torna-se central para o tipo de argumentação a que Boécio recorre. É interessante notar, também, que Boécio identifica o Bem como ser enquanto o mal não é, de acordo com a *differentia* de afirmação e negação, cuja proposição máxima que indica que “[...] as propriedades de opostos devem ser elas mesmas opostas”⁶ (BOÉCIO, 1978, [1191D], 36, Livro II, p. 56, tradução nossa). Assim, sendo o bem e mal opostos, eles apresentam propriedades opostas. Se o bem é, então o mal, que representa a negação do bem, não é, conforme Boécio aponta: “Pois o bem e o mal são

⁵ Tradução livre de: “[...] what inheres in the individual parts must inheres in the whole” (BOÉCIO, 1978, [1188D] 5-6, Livro II, p. 52).

⁶ Tradução livre de: “[...] the properties of opposites must be opposites” (BOÉCIO, 1978, [1191D] 36, Livro II, p. 54).

coisas contrárias. Assim, uma vez que fique demonstrado que o bem é poderoso, consequentemente deverá se deduzir que o mal é fraco” (BOÉCIO, 2023, Livro IV, Prosa 2, 3, p. 145).

Apenas os homens que reconhecem seu próprio erro ao identificar a felicidade com os bens transitórios da Fortuna podem reconhecer o caminho para a verdadeira felicidade, pois, aqueles que persistem no erro e no vício abandonam sua humanidade. Assim, tanto o verdadeiro bem quanto a felicidade quanto Deus dependem da virtude, pois, ao expressá-la, o homem se aproxima do bem. A filosofia é tida como guia através do tortuoso caminho para a verdadeira felicidade, sendo que é através dela que o homem pode realizar a virtude e voltar a contemplar a verdade.

Por fim, ressaltamos que é apenas através da virtude que o homem pode alcançar a felicidade, pois apenas os virtuosos alcançam seus objetivos e, sendo que todo homem tende ao bem, apenas os virtuosos alcançam o bem. Todavia, se a virtude é o hábito alcançado através das regras que organizam e orientam o pensamento, é apenas através do exercício de tais regras que o homem pode ser feliz. Assim, a Filosofia aponta que “[...] depreende-se que aqueles que possuem [a virtude], praticam e adquirem a virtude sempre que tem uma boa Fortuna” (BOÉCIO, 2023, Livro IV, Prosa 7, 15, p. 181), sendo que “[...] a Fortuna é sempre má para aqueles que vivem afundados em vícios” (BOÉCIO, 2023, Livro IV, Prosa 7, 15, p. 182). Apenas através da virtude e, portanto, através do raciocínio correto e da mente bem-ordenada, é possível reconhecer a felicidade.

O virtuoso reconhece os bens do acaso como tal e sabe que não se tratam nem do verdadeiro bem nem da verdadeira felicidade ou o verdadeiro Deus. Mais do que isso, o virtuoso sabe que os viciosos não são felizes e que a Fortuna não lhes oferece horarias e louvores, pois, ao reconhecer o bem que ordena e governa o universo, reconhece que os bens da Fortuna não são os verdadeiros bens. Indo além, também reconhece a felicidade como um todo completo indivisível, de modo que não poderia ser aquilo que os viciosos procuram ou julgam possuir. Sem a virtude para reconhecer a verdadeira felicidade e o verdadeiro bem, é impossível que se reconheça o erro que leva ao vício e torna os homens menos do que homens. No entanto, uma vez que apenas o virtuoso é capaz de reconhecer o vício como tal e os bens da Fortuna como bens ilusórios que não garantem a verdadeira felicidade, é apenas o virtuoso que pode ser feliz porque apenas o virtuoso reconhece o engano de dividir um todo indivisível.

Por fim, ressaltamos que uma vez que a felicidade é o fim do homem e que tanto Deus quanto o verdadeiro bem são a felicidade, torna-se necessário que tanto Deus quanto o verdadeiro bem, também, sejam o fim do homem. É através de Deus e do verdadeiro bem que o homem é feliz, pois, eles são a felicidade. Se é o caso que a felicidade é o que torna algo desejável e que é por isso que o homem se dispõe a perceber aquilo que não é um bem como tal, é também o caso que é Deus e é o Bem que tornam as coisas desejáveis. Mais do que isso, o bem é a definição de felicidade, pois a felicidade pode ser a definição de bem, levando à equivalência que Boécio sugere em sua última obra. Lembramos ainda que, definição é um predicável convertível, de forma que, ao definir bem e felicidade em termos um do outro, Boécio afirma que o bem é aquilo que é igual a felicidade e a felicidade é aquilo que é igual ao bem, sendo que ambos, enquanto partes de suas essências, são comum e geral antes de serem singular e individual. Dessa forma, o bem predica o que a felicidade é e a felicidade predica o que o bem é e, da mesma maneira, Deus é predicado pelo bem e pela felicidade enquanto a predica a felicidade e o bem.

Referências

- ANGIONI, L. Defining Topics in Aristotle's Topics VI. *Philosophos*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 151-193, 2014.
- BIRD, O. The formalizing of the topics in mediaeval logic. *Notre Dame Journal of Formal Logic*. Durham, v. 1, n. 4, 1960, p. 138-149.
- BIRD, O. The Tradition of the Logical Topics: Aristotle to Ockham. *Journal of the History of Ideas*, v. 23, n. 3, 1962, p. 307-323.
- BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Campinas: Vide Editorial, 2023.
- BOETHIUS. *Consolatio Philosophica* (Edição e comentário: O'DONNEL, J. J.). 1990.
- BOETHIUS. De topicis differentiis. In.: *Boethius's De topicis differentiis*. Ithaca: Cornell University Press, 1978.
- BOETHIUS. In Ciceronis topica. In.: *Boethius's In Ciceronis topica: an annotated translation of a medieval dialectical text*. Ithaca: Cornell University Press, 1988.
- BOETHIUS. *The Consolation of Philosophy*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2001.
- BOETHIUS. *Theological Tractates. The Consolation of Philosophy*. London: Harvard University Press, 1973.
- CASEY, J. P. Boethius's Works on Logic in the Middle Ages. In: KAYLOR, N. H.; PHILIPS, P. E (Eds.). *A Companion to Boethius in the Middle Ages*. Danvers: Brill, 2012. p. 193-220.
- DE LIBERA, A. *A Filosofia Medieval*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- DUNCOMBE, M.; NOVAES, C. D. Dialectic and logic in Aristotle and his tradition. *History and Philosophy of Logic*, v. 37, 2016, p. 1-9.
- STUMP, E. *Dialectic and its place in the Development of Medieval Logic*. New York: Cornell University Press, 1989.
- STUMP, E. Notes to Book II. *Boethius's De topicis differentiis*. Ithaca: Cornell University Press 1978. p. 110-128.
- STUMP, E. Differentia and the Porphyrian Tree. In.: STUMP, E. *De topicis differentiis*, Ithaca: Cornell University Press, 1978a, p. 236-247.

Sobre o autor

Luana Talita da Cruz

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Professora da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará. Desenvolve sua pesquisa em História da Filosofia Medieval e História da Lógica.

Recebido em: 23/10/2024
Aprovado em: 01/12/2024

Received in: 10/23/2024
Approved in: 12/01/2024